

ARTIGO DE REVISÃO

EFEITOS DA EQUOTERAPIA COM PESSOAS IDOSAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

EFFECTS OF EQUINE-ASSISTED THERAPY IN OLDER ADULTS: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

Jackeline Barbosa Matarazo¹
Eduarda Rezende Freitas³

Karla Helena Coelho Vilaça e Silva²

¹Graduada em Fisioterapia. Doutora em Gerontologia. E-mail: jackebarbosa@hotmail.com

²Graduada em Fisioterapia. Doutora em investigação biomédica. Professora e assessora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: karlav@p.ucb.br

³Graduada em Psicologia. Doutora em Psicologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia e dos cursos de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: eduarda.rezende@p.ucb.br

Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar o estado da arte de artigos empíricos sobre equoterapia com pessoas idosas, publicados entre 2000 e 2020, em inglês ou português. Para tanto, recorreu-se à utilização do método PRISMA. Inicialmente, foram recuperados 862 artigos e, após análise dos critérios de inclusão e exclusão, selecionaram-se 10. Os países com maior número de publicações sobre equoterapia com pessoas idosas foram o Brasil (60%) e os Estados Unidos (20%). Mulheres (90%), participantes saudáveis (50%) e com déficit de equilíbrio (30%) foram os mais investigados. O equilíbrio (80%) e a Escala de Equilíbrio de Berg (30%) constituíram, respectivamente, a variável e o instrumento mais presentes nos artigos. Em 90% deles, a atividade foi realizada individualmente, uma ou duas vezes por semana, com duração mínima de 25 e máxima de 60 minutos. Benefícios, por exemplo, em equilíbrio, marcha e força muscular de membros inferiores foram verificados nos estudos após a equoterapia. Embora o número de estudos exclusivamente com pessoas idosas ainda seja limitado, os resultados disponíveis apresentam evidências de que a equoterapia contribui para a melhora de variáveis físico-funcionais, como equilíbrio, marcha e força muscular, reforçando seu potencial como intervenção terapêutica na velhice.

PALAVRAS-CHAVE

Envelhecimento. Hipoterapia. Propriocepção. Terapia Assistida por Animais. Terapia Assistida por Cavalos.

Abstract

This study aimed to analyze the state of the art of empirical articles on equine-assisted therapy (hippotherapy) involving older adults, published between 2000 and 2020 in English or Portuguese. To achieve this, the PRISMA method was used. Initially, 862 articles were retrieved, and after applying inclusion and exclusion criteria, 10 were selected. The countries with the highest number of publications on equine-assisted therapy with older adults were Brazil (60%) and the United States (20%). Women (90%), healthy participants (50%), and those with balance deficits (30%) were the most frequently studied. Balance (80%) and the Berg Balance Scale (30%) were, respectively, the most commonly investigated variable and instrument. In 90% of the studies, the activity was conducted individually, once or twice a week, with sessions lasting a minimum of 25 and a maximum of 60 minutes. Benefits such as improvements in balance, gait, and lower limb muscle strength were observed in the studies following equine-assisted therapy. Although the number of studies exclusively involving older adults remains limited, the available results provide evidence that equine-assisted therapy contributes to improvements in physical-functional

variables such as balance, gait, and muscle strength, reinforcing its potential as a therapeutic intervention in old age.

KEYWORDS

Older adults; Equine-assisted therapy; Balance; Functional capacity; Aging.

1 Introdução

Há séculos os animais têm sido utilizados como mediadores da reabilitação de pacientes com idades e patologias distintas. De forma lúdica ou terapêutica, muitos estudos relatam benefícios obtidos por meio da relação entre humanos e animais (Ferreira; Gomes, 2018). De acordo com Ferreira e Gomes (2018), o cavalo é um dos mais utilizados na Terapia Assistida por Animais, sendo sua prática nomeada equoterapia.

Segundo a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL), a equoterapia é um método de abordagem interdisciplinar que utiliza o cavalo como facilitador e mediador de processos terapêuticos, educacionais, de reabilitação e socialização de pessoas com deficiência e/ou necessidades. Envolve profissionais da área da saúde, como fisioterapeutas e psicólogos, da educação e da equitação (ANDE-BRASIL, 2020).

Em geral, a equoterapia é utilizada com pessoas em diferentes fases da vida, como crianças, adolescentes, adultos e pessoas idosas. Não obstante, seus efeitos na velhice têm sido menos investigados (Wood; Fields, 2019; Zamo; Trentini, 2016).

O envelhecimento populacional é um fenômeno que está acontecendo em todo o planeta e, no Brasil, de forma especialmente acelerada. Estima-se que a proporção de pessoas idosas irá dobrar em apenas 25 anos, quando mais de um quarto da população terá 60 anos ou mais (Mrejen; Nunes; Giacomini, 2023).

Em uma revisão sistemática de estudos publicados entre 2004 e 2014 sobre equoterapia e avaliação psicológica (Zamo; Trentini, 2016), observou-se que, das 20 pesquisas recuperadas pelas autoras, apenas três (15%) continham pessoas idosas na amostra e em nenhuma delas a participação foi de somente indivíduos na velhice. De modo semelhante, dos 78 artigos sobre equoterapia recuperados entre 1980 e 2018 por Wood e Fields (2019), somente seis (7,69%) incluíram praticantes idosos e apenas três (3,85%) tiveram amostras compostas unicamente por pessoas na velhice.

Apesar desse cenário, os estudos existentes – de revisão (Agner; Gonzalez, 2015; Zamo; Trentini, 2016), experimentais (Araújo et al., 2011; Beinotti et al., 2010) ou quase-experimentais (Araújo et al., 2013) e relato de experiência (Silva et al., 2018) – revelam benefícios para o uso da equoterapia com pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Citam-se como exemplos o aumento do equilíbrio e da força muscular de membros inferiores (Agner; Gonzalez, 2015; Araújo et al., 2013), a melhora da marcha (Agner; Gonzalez, 2015; Beinotti et al., 2010) e da qualidade de vida (Silva et al., 2018) e a diminuição do risco de quedas (Araújo et al., 2011) e da ansiedade (Zamo; Trentini, 2016).

O Brasil tem caminhado para se tornar um país de pessoas idosas. Ao analisar a evolução do índice de envelhecimento humano no período de 1970 a 2010, é possível constatar uma inversão na distribuição etária, com diminuição da proporção de crianças e jovens em relação à de adultos e pessoas idosas (Closs; Schwanke, 2012). De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2030, o grupo de pessoas com 60 anos ou mais será maior que o de crianças e adolescentes com até 14 anos, e, em 2055, o total de pessoas idosas na população excederá o de crianças, adolescentes e adultos com até 29 anos (IBGE, 2015).

Sem dúvidas, viver mais é uma conquista da humanidade, porém, é igualmente importante que os anos a mais sejam vividos com qualidade (Closs; Schwanke, 2012). Para que isso seja possível, são necessárias ações em todos os níveis de atenção, educando, promovendo saúde, prevenindo doenças evitáveis, cuidando precocemente e reabilitando agravos (Veras; Oliveira, 2018). Nesse sentido, a equoterapia apresenta-se como uma intervenção não farmacológica que parece contribuir para diversas variáveis, como equilíbrio, força muscular, marcha, qualidade de vida e redução do risco de quedas de pessoas idosas. Um dos entraves para sua utilização pode ser, no entanto, a limitação de conhecimento a respeito dos efeitos da equoterapia na velhice.

A partir do contexto apresentado, o objetivo deste estudo foi analisar artigos empíricos publicados entre 2000 e 2020 que abordaram a equoterapia com pessoas idosas. Especificamente, pretendeu-se identificar os países que estão pesquisando sobre esse assunto, as características dos praticantes de equoterapia, as intervenções equoterapêuticas adotadas, as variáveis e os instrumentos utilizados e os efeitos da equoterapia em variáveis físico-funcionais e psicológicas de seus praticantes.

2 Método

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura científica sobre equoterapia com pessoas idosas. Esse recurso utiliza métodos sistematizados e explícitos e tem como objetivo identificar, selecionar e analisar pesquisas relevantes ao tema escolhido (Galvão; Pereira, 2014).

Conforme proposto por Moher et al. (2009), recorreu-se à utilização do método PRISMA a fim de produzir melhor relato da revisão. Foram utilizadas as bases de dados Pubmed, Scielo e PePSIC e o Portal de Periódicos CAPES. Esclarece-se que as duas primeiras têm sido consideradas importantes portais de pesquisa na área da saúde, englobando a participação de diversos países (Bases em Saúde, 2025), e o PePSIC é uma base de dados relevante na Psicologia, cuja organização e estrutura segue a metodologia do Scielo (Bases de Dados, 2025). O Portal CAPES foi utilizado por ser um dos maiores acervos científicos do País, reunindo conteúdos nacionais e internacionais (CAPES, 2025). Os descritores utilizados nas buscas foram: “Equine Assisted Therapy”, “Equine Assisted Psychotherapy”, “Hippotherapy”, “Recreational Horseback Riding Therapy”, “Horseback Riding Therapy” e “Elderly”. Ressalta-se que também foram utilizadas variações de alguns desses termos (singular, plural e com e sem hífen) em inglês e português.

Foram incluídos artigos publicados entre 2000 e 2020, em português ou inglês e revisados por pares. A escolha por esse período está relacionada com o fato de o ano 2000 representar o início de um novo milênio, no qual diversas intervenções terapêuticas, incluindo aquelas assistidas por animais, passaram por alterações em termos de regulamentação e sistematicidade importantes (Santos; Santos, 2024). Entende-se que a compreensão das duas primeiras décadas do século XXI, período que antecede a pandemia de Covid-19, representa um cenário de tendências, lacunas e progressos na área da equoterapia no século. Já a escolha pelos idiomas se deu devido o português ser a língua materna das autoras deste artigo e o inglês, a despeito de todas as críticas, ser considerado língua dominante na produção de conhecimento mundial (Beckhauser, 2022). Por fim, a escolha por incluir somente artigos e revisados por pares foi feita em virtude de outras publicações, como trabalhos de conclusão de curso, capítulos de livros etc., não passarem, em geral, por avaliação às cegas por pares – critério muitas vezes considerado como garantia de qualidade do conhecimento produzido.

Os critérios de exclusão adotados foram: artigos duplicados; textos não disponíveis na íntegra; estudos de revisão da literatura ou teóricos; estudos compostos por amostra mista, isto é, com pessoas de outras faixas etárias, não só com 60 anos ou mais; artigos que analisaram os centros de equoterapia ou o cavalo; estudos que não discutiram a terapia com o cavalo, mas com outro animal; estudos com cavalo mecânico ou simulador de equoterapia; artigos que não apresentaram resultados; e estudos que não analisaram os efeitos da intervenção em seus praticantes.

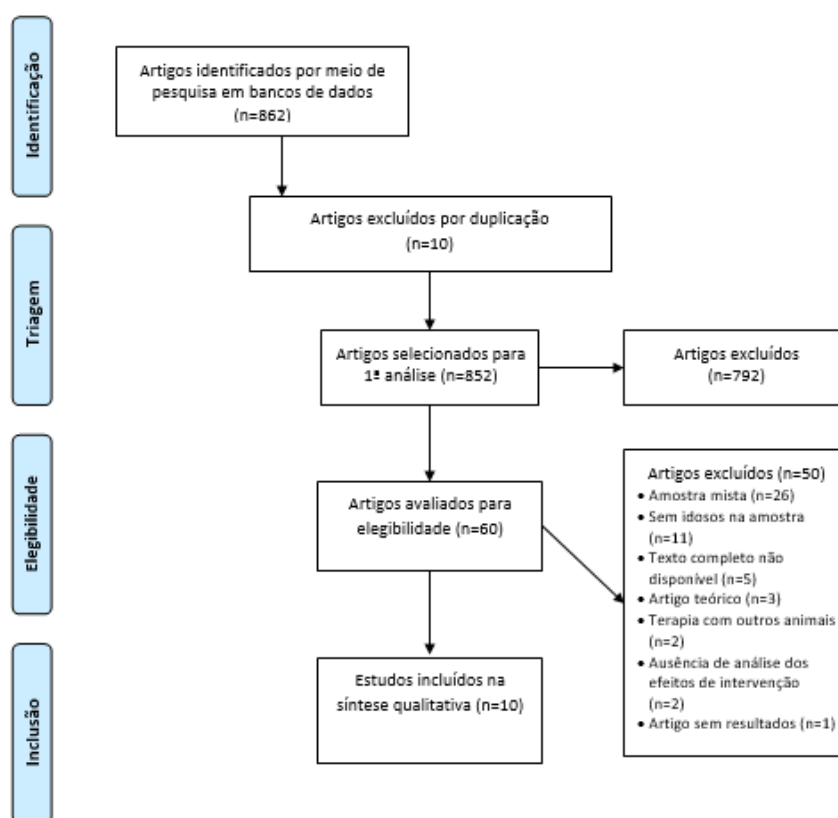
Para auxiliar na seleção das publicações recuperadas, foi utilizado o software Rayyan (Ouzzani et al., 2016). Nele, duas juízas efetuaram de forma independente uma primeira leitura dos Títulos e Resumos dos textos, para análise dos critérios de inclusão e exclusão. Nessa Etapa 1, foi obtida concordância superior a 94%. Nos casos de discordância, uma terceira juíza analisou os artigos para se chegar a um consenso.

Em seguida, foram lidos os textos completos dos artigos selecionados na primeira etapa. Eles foram categorizados em: 1) Referência – autores, ano de publicação do estudo e país de nacionalidade dos participantes; 2) Amostra – características dos participantes, como média de idade, sexo, patologia etc.; 3) Objetivos do estudo; 4) Variáveis analisadas e instrumentos utilizados; 5) Intervenção – características da intervenção, como duração e número de sessões; e 6) Resultados principais. Nessa segunda etapa, foi obtida concordância superior a 93% e, assim como na anterior, uma terceira juíza analisou os casos de discordância para se chegar a um consenso.

3 Resultados

Foram recuperados, inicialmente, 862 artigos, dez dos quais estavam duplicados. A partir da análise dos critérios de inclusão e exclusão elencados, foram selecionados para síntese qualitativa dez artigos (Figura 1).

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção dos estudos incluídos



Fonte: Elaborado pelos autores

O Quadro 1 apresenta uma análise dos dez artigos. Cumpre ressaltar que foram utilizados os termos adotados pelos autores na construção desse Quadro (p. ex., hipoterapia, equoterapia, cavalgada, passeio a

cavalo), contudo, na seção Discussão, será adotado o termo equoterapia representando toda atividade com cavalo relatada nos artigos.

Como pode ser observado no Quadro 1, 60% (n=6) das investigações foram publicadas entre os anos de 2015 e 2020. O delineamento utilizado em todas as pesquisas foi o quantitativo. Os países com maior número de publicações sobre equoterapia com pessoas idosas foram o Brasil (60%; n=6) e os Estados Unidos (20%; n=2).

Quanto à amostra, metade dos estudos (50%; n=5) contaram com a participação de pessoas de uma ampla faixa da velhice, por exemplo, entre 60 e 90 anos (Araújo et al., 2019). As mulheres foram a maioria (90% n=9); contudo, em um (10%) estudo a predominância foi de pacientes do sexo masculino na amostra. Pessoas idosas saudáveis foram as mais investigadas (50%; n=5), seguidas por pacientes com déficit de equilíbrio (30%; n=3), doença de Alzheimer (10%; n=1), alterações neurológicas e musculares (10%; n=1).

É possível constatar que o equilíbrio (80%; f=8) foi a variável mais analisada nas publicações. Além dessa variável, destacou-se a força muscular de membros inferiores (20%; f=2) e a marcha (20%; f=2). Variáveis como qualidade de vida e flexibilidade foram analisadas em apenas um (10%) artigo cada.

Todos os estudos fizeram uso de instrumentos padronizados e com evidências de validade. Os mais utilizados foram: Teste Timed Up and Go (TUG) (40%; f=4), Escala de Equilíbrio de Berg (BBS) (30%; f=3), Plataforma de força (30%; f=3), Teste de Sentar e Levantar de 30 segundos (30sCST) (20%; f=2) e Escala de equilíbrio de Fullerton (FABS) (20%; f=2). Houve instrumentos, como o Miniexame do Estado Mental (MEEM), que foram utilizados em apenas um estudo (10%).

Quanto às características das intervenções, constatou-se alguma variedade nas atividades desenvolvidas na equoterapia como a realização de passeios a cavalo supervisionados (Cho, 2017), equitação terapêutica (Homnick et al., 2013) e cavalgada (Mello et al., 2020). A maioria das sessões de equoterapia aconteceu uma ou duas vezes por semana, com duração mínima de 25 e máxima de 60 minutos, totalizando intervenções de 8 a 24 sessões. Em 90% (n=9) dos estudos, a equoterapia foi realizada na modalidade individual, sendo que apenas uma (10%) investigação contou com o formato grupal. Pouco mais da metade das pesquisas (60%; n=6) realizaram avaliações de seguimento e 40% (n=4) implementaram grupo experimental e grupo controle.

No que se refere aos principais resultados dos artigos recuperados, 90% apresentaram algum benefício, isto é, melhora estatisticamente significativa em alguma variável após a equoterapia. Dos oito estudos que investigaram o equilíbrio, 87,5% (f=7) apresentaram melhora após a intervenção. De forma semelhante, as pesquisas que analisaram a marcha (20%; f=2) e a força muscular em membros inferiores (20%; f=2) constataram que a equoterapia foi eficaz na melhoria dessas variáveis. Esse método também promoveu qualidade de vida de praticantes idosos (10%; f=1), mantendo a melhora obtida na pós-intervenção por oito semanas.

Quadro 1 - Características dos estudos publicados entre 2000 e 2020 sobre equoterapia com pessoas idosas

Referência	Amostra/tipo de pesquisa	Objetivo	Variáveis e Instrumentos	Intervenção	Resultados
Toigo; Leal Junior; Ávila (2008) Brasil	N=10 (fem.); 60-74 anos. Déficit de equilíbrio/Qualitativa	Mensurar a melhora do equilíbrio estático em pessoas idosas com a prática da equoterapia.	Equilíbrio estático. Instrumentos: Estabilômetro AccuSway Plus.	Individual, 2 vezes por semana, 30 min. cada, 8 sessões.	Observou-se diferença estatisticamente significativa na direção ântero-posterior ($p=0,002$). Na direção médio-lateral e velocidade de deslocamento isso não ocorreu. A equoterapia foi capaz de melhorar o equilíbrio estático diminuindo a possibilidade de queda.

Araújo <i>et al.</i> (2011) Brasil	N=17 (2 masc., 15 fem.); 60-84 anos. Pessoas idosas saudáveis/Quantitativa	Verificar se a equoterapia é capaz de produzir alterações no equilíbrio.	Equilíbrio, estabilidade e marcha. Instrumentos: Plataforma de força (AMTI - <i>Force Measurement Systems</i>) e TUG.	Individual, 2 vezes por semana, 30 min. cada, 8 semanas.	Diminuição significativa do tempo necessário para execução do TUG no pós-intervenção ($p=0,04$), o que prediz menor risco de quedas em pessoas idosas. Não houve diferença significativa nos parâmetros estabilométricos analisados.
Araújo <i>et al.</i> (2013) Brasil	N=28 (6 masc., 22 fem.); 60-84 anos); GE: M=65,59 (DP=6,50), GC: M=65,81 (DP=6,6). Pessoas idosas saudáveis/Quantitativa	Avaliar os efeitos da equoterapia na mobilidade funcional, força muscular dos membros inferiores e no equilíbrio.	Mobilidade funcional, força muscular dos membros inferiores e equilíbrio. Instrumentos: TUG, TSL e BBS.	Individual, 2 vezes por semana, 30 min. cada, 8 semanas.	A capacidade funcional, medida pelo BBS ($p=0,003$) e TSL ($p=0,032$) do GE aumentou se comparada ao GC após a intervenção, o que não ocorreu para o TUG. Assim, a equoterapia foi capaz de melhorar a força e o equilíbrio dos membros inferiores de pessoas idosas.
Homnick <i>et al.</i> (2013) EUA	N=9 (4 masc., 5 fem.); 71-83 anos (M=76,4). Déficit de equilíbrio/Quantitativa	Avaliar o efeito de um programa de equoterapia no equilíbrio e QV de pessoas idosas da comunidade com déficit de equilíbrio.	Equilíbrio e QV. Instrumentos: Escala de Equilíbrio Avançada Fullerton (FABS) e Rand SF-36.	Individual, 8 semanas de observação, seguidas por 8 semanas do programa de equoterapia, na modalidade Equitação terapêutica, 1 vez por semana, 30 min. cada.	Houve melhora significativa no equilíbrio ($p=0,001$) e na percepção da saúde geral ($p=0,003$) com a intervenção, sugerindo que as melhorias foram sustentadas entre o final da intervenção e oito semanas após a intervenção.
Aranda-García <i>et al.</i> (2015) Espanha	N=38 (TE=17, HE=10, C=11); 61-87 anos); Homens: M=77,1 (DP=5,7); Mulheres: M=70,2 (DP=6,3). Pessoas idosas saudáveis/Quantitativa	Comparar o efeito e a retenção de programas de Exercícios Tradicionais (TE) e equoterapia (HE) sobre a função física e Grupo Controle (GC).	Nível de atividade física, velocidade de marcha, força muscular e equilíbrio. Instrumentos: Escala de Atividades Físicas para pessoas idosas (PASE), caminhada cronometrada, dinamômetro de mão e plataforma de força.	Grupal, 3 grupos: TE, HE e grupo controle; 1 vez por semana, 60 min. cada, 12 semanas.	Os grupos TE e HE exibiram melhoras significativas na força extensora do joelho ($p=0,013$). Contudo, HE teve velocidade de marcha mais rápida ($p=0,036$) e melhora no equilíbrio na direção médio-lateral (0,011), e os TE mostraram melhora mais expressiva na preensão manual ($p=0,013$) que o HE. A maioria dos efeitos foram perdidos no acompanhamento quatro semanas após a intervenção.
Homnick <i>et al.</i> (2012) EUA	N=15 (5 masc., 10 fem.). GE: M=70,1; GC: M=69,3. Déficit de equilíbrio/Quantitativa	Avaliar o efeito da equoterapia no equilíbrio de pessoas idosas e investigar praticidade, segurança e potenciais melhorias na equoterapia aplicada a pessoas idosas da comunidade.	Equilíbrio. Instrumentos: BBS e <i>Fullerton Advanced Balance Scale</i> (FABS)	Individual, sessões de 45 min., 10 semanas.	GE e GC tiveram pequenas melhoras no equilíbrio, não alcançando significância estatística.
Cho (2017)	N=31 (7 masc., 24	Identificar os efeitos da	Potência alfa relativamente lenta	Individual, 2 vezes por	O grupo de equitação com cavalos apresentou aumento na potência alfa

Coreia do Sul	fem.); Grupo com cavalo (N=15), M=67,60 (DP=2,32); Grupo com cavalo mecânico (N=16), M=67,88 (DP=2,39). Pessoas idosas saudáveis/Quantitativa	equitação e dos exercícios mecânicos de equitação no espectro relativo da potência alfa em pessoas idosas.	e potência alfa relativamente rápida. Instrumentos: Eletroencefalograma quantitativo com polígrafo informatizado e TeleScan.	semana, 25 min. cada, 12 semanas.	relativamente rápida e o de equitação mecânica elevação na potência alfa relativamente lenta ($p<0,05$). Sugere-se que passeios a cavalo e exercícios de equitação mecânica podem ter efeitos positivos na estabilidade psicológica de pessoas idosas, aumentando a concentração e o descanso.
Araújo <i>et al.</i> (2019) Brasil	N=9 (6 masc., 3 fem.; (60-90 anos)); M=79,7 (DP=7,4). Alzheimer/Quantitativa	Descrever os efeitos da equoterapia no equilíbrio, na capacidade funcional e cognição de pessoas idosas com Alzheimer.	Equilíbrio, capacidade funcional e cognição. Instrumentos: Plataforma de força AMTI <i>AccuSway Plus</i> , TUG, TSL, fluência verbal e MEEM.	Individual, 2 vezes por semana, 30 min. cada, 10 semanas.	Melhora significativa do equilíbrio ($p=0,017$) e da capacidade funcional (TUG, $p=0,036$ e TSL, $p=0,012$) das pessoas idosas com Alzheimer, mas não na cognição.
Diniz <i>et al.</i> (2020) Brasil	N=30 (6 masc., 24 fem.); GE: M=66,07 (DP=5,80). GC: M=68,47 (DP=5,85). Alterações neurológicas e musculares/Quantitativa	Avaliar os efeitos da equoterapia no equilíbrio e na flexibilidade de pessoas idosas com alterações neurológicas e musculares.	Equilíbrio e flexibilidade. Instrumentos: BBS, TUG, Teste Funcional de Alcance (FRT) e Teste <i>Sit-and-Reach</i> .	Individual, 1 vez por semana, 30 min. cada, 10 semanas.	A equoterapia melhorou a mobilidade funcional ($p=0,030$), o equilíbrio dinâmico ($p = 0,036$) e a flexibilidade ($p = 0,033$) das pessoas idosas.
Mello <i>et al.</i> (2020) Brasil	N=17 (3 masc., 14 fem.; 60-79 anos); M=66,5 (DP=7); Pessoas idosas saudáveis/Quantitativa	Avaliar os dados eletromiográficos de diferentes músculos de pessoas idosas pré e pós-equoterapia.	Atividade dos músculos temporal, masseter e mandíbulas. Instrumentos: Eletromiógrafo de avaliação de atividade muscular.	Individual, Cavalgada sem exercícios, 30 min. cada.	A hipoterapia promoveu redução da atividade mioelétrica dos músculos mastigatórios de pessoas idosas: menor atividade eletromiográfica para os músculos masseter e temporal em todas as tarefas mandibulares estáticas, com efeito significativo para os músculos temporal direito ($p=0,038$) e esquerdo ($p=0,028$) e nas tarefas mandibulares dinâmicas para o temporal ($p=0,025$) e masseter esquerdos ($p = 0,027$).

Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda: BBS: Escala de Equilíbrio de Berg; EAP: Psicoterapia Assistida por Equinos; EUA: Estados Unidos da América; Fem.: feminino; GC: Grupo Controle; GE: Grupo Experimental; M: Média de idade, em anos; Masc.: masculino; MEEM: Mini Exame do Estado Mental; QV: Qualidade de Vida; TUG: Teste Timed Up and Go; TSL: Teste de sentar e levantar de 30 segundos.

4 Discussão

O envelhecimento humano é um processo natural no qual ocorrem mudanças biológicas, psicológicas e sociais que podem causar, entre outras alterações, perda ou diminuição da força muscular e da mobilidade, déficit de equilíbrio e dificuldade na deambulação (Agner; Gonzalez, 2015). É importante, pois, conhecer atividades que proporcionem uma velhice melhor. Este estudo investigou a produção científica sobre equoterapia com pessoas idosas publicada nas duas primeiras décadas do século XXI.

Com relação aos efeitos, há evidências de que a equoterapia com praticantes idosos apresenta benefícios para variáveis, sobretudo, físico-funcionais. Menciona-se a melhora do equilíbrio (Aranda-García et al., 2015; Araújo et al., 2011, 2013, 2019; Diniz et al., 2020; Homnick et al., 2013; Toigo; Leal Junior; Ávila, 2008) e da marcha (Aranda-García et al., 2015; Araújo et al., 2013), bem como a redução do risco de quedas (Toigo; Leal Junior; Ávila, 2008). É possível que esses resultados sejam obtidos em virtude dos movimentos tridimensionais do cavalo, especialmente no passo, que, por sua semelhança com a marcha humana, promovem estímulos sensorio-motores que favorecem o controle postural, o equilíbrio e o alinhamento com o centro de gravidade (Silveira et al., 2021).

Quanto às variáveis psicológicas, somente duas investigações as avaliaram. Em uma delas foi analisada a qualidade de vida (Homnick et al., 2013), tendo essa melhorado após a intervenção, e em outra a cognição (Araújo et al., 2019). No último caso, a intervenção não teve efeito sobre o status cognitivo dos participantes.

A despeito dos benefícios identificados nos artigos recuperados para esta revisão, no estudo de Homnick et al. (2012) tanto o grupo experimental quanto o grupo controle obtiveram melhoras no equilíbrio no pós-teste, não alcançando significância estatística. Para os autores, isso pode ser justificado pelo fato de os grupos não apresentarem déficits de equilíbrio suficientemente grandes para fornecer uma resposta mensurável à intervenção.

Já a investigação de Araújo et al. (2019) não constatou melhora, após a prática com equoterapia, em uma das variáveis investigadas, isto é, a cognição de pessoas idosas com Alzheimer. Para os autores, esse resultado pode estar relacionado com algumas das limitações da pesquisa, como a falta de um grupo-controle com pessoas também com a doença de Alzheimer e a utilização de apenas um teste de fluência verbal. Nesse sentido, os autores sugerem que mais estudos, com melhor delineamento e que investiguem essa variável, sejam desenvolvidos.

A carência de investigações sobre equoterapia, especificamente com pessoas idosas, dificulta o conhecimento das particularidades e consequências desse método quando utilizado na velhice. Ressalta-se que, mesmo ao buscar por estudos sobre essa terapêutica com pessoas com 60 anos ou mais, respeitando-se os critérios de inclusão e exclusão, apenas dez artigos foram selecionados em 20 anos.

Outro aspecto importante de se considerar nesse íterim, refere-se ao fato de alguns estudos avaliarem os impactos da equoterapia em uma faixa etária ampla, por exemplo, de participantes entre 62 e 87 anos (p. ex., Aranda-García et al., 2015). Considerando que a velhice é uma fase heterogênea, é possível que seus praticantes tenham mais benefícios quando as intervenções consideram as particularidades de cada período, por exemplo, pessoas idosas jovens (60 a 74 anos), médias (75 a 85 anos) ou muito velhas (mais de 85 anos) (Henrique; Capitani, 2022). Não obstante, talvez mais importante que a idade é a funcionalidade do indivíduo (Henrique; Capitani, 2022). Assim, idade, funcionalidade e presença ou não de patologias (p. ex., pessoas idosas saudáveis ou com lesão cerebral, déficit de equilíbrio e demência) devem ser consideradas no planejamento e na execução de intervenções em equoterapia, bem como na avaliação de sua eficácia.

A escassez de pesquisas sobre o tema também pode ter implicações práticas, como falta de conhecimento dos profissionais e da comunidade em relação aos benefícios desse método à saúde de pessoas idosas e, conseqüentemente, poucos encaminhamentos e baixa procura por este tratamento. Em uma pesquisa recente conduzida com profissionais de equoterapia, constatou-se que, apesar de todos os participantes considerarem que esse método pode gerar benefícios à velhice, foi ressaltado que o local de trabalho, por exemplo a falta de equipe qualificada no atendimento a pessoas idosas e o enfoque no público infantil e adolescente, bem como a baixa demanda constituem desafios para a equoterapia com praticantes idosos (Matarazo; Freitas, 2022).

Não obstante essas considerações, parece que pesquisas sobre Terapia Assistida por Cavalos, em geral, e com pessoas idosas, em específico, têm aumentado. Na presente investigação, notou-se que mais da metade dos estudos analisados foram publicados nos últimos cinco anos da pesquisa. Esse resultado é análogo ao obtido por Wood e Fields (2019), em revisão sistemática de artigos sobre equoterapia publicados entre 1980 e 2018. Os autores constataram que cerca de 84,6% das publicações ocorreram nos últimos dez anos do estudo.

Observou-se que o Brasil é o país com maior número de publicações sobre a temática investigada nesta revisão. Esse é um resultado importante, pois a equoterapia, enquanto método terapêutico, foi regulamentado no país em 2019 (Brasil, 2019) e a população idosa brasileira tem crescido de forma exponencial; de acordo com o IBGE, mais que 4% ao ano, entre os anos de 2012 e 2022 (Brasil, 2022). Desse modo, intervenções que comprovadamente previnam e tratem doenças e déficits e promovam a saúde de pessoas idosas serão cada vez mais necessárias.

Além do Brasil, outro país que tem contribuído para o avanço deste tema são os Estados Unidos, com o segundo maior número de publicações recuperadas. Há que se ressaltar, contudo, que esses resultados podem ter sido enviados pelos descritores e bases de dados utilizados, bem como a escolha por analisar artigos somente em português e inglês, o que, já se adianta, caracteriza uma limitação do estudo.

Com relação às características da amostra investigada, na maioria das pesquisas ela foi composta por pessoas idosas saudáveis, seguida pelas que apresentavam déficit de equilíbrio, Alzheimer e alterações neurológicas e musculares. Torna-se, pois, evidente a amplitude de condições clínicas que podem ser contempladas com esse método terapêutico.

Além disso, o sexo feminino também esteve presente em maior número nos artigos recuperados, sendo que, no estudo de Toigo, Leal Junior e Ávila (2008), a amostra foi composta somente por mulheres. Diversas estatísticas evidenciam que o envelhecimento populacional tem sido acompanhado por um fenômeno denominado feminização da velhice. Alguns profissionais relataram que homens e mulheres possuem atitudes diferentes em relação aos cuidados com a saúde de modo que, pela demanda fisiológica do corpo feminino, como a maternidade, é possível que esse grupo tenha uma rotina maior de cuidado (Costa-Júnior; Couto; Maia, 2016). Além desse aspecto, os autores acrescentam o fato de que os homens são ensinados, desde criança, a não demonstrarem seus sentimentos, sendo valorizados quando transparecem vigor, resistência e energia, atribuindo fragilidade às mulheres. É possível que esse seja um dos aspectos que contribui, ainda que indiretamente, para um menor cuidado e busca por assistência em saúde pelos homens e, dessa forma, em um risco mais elevado para complicações de doenças e uma menor expectativa de vida se comparado às mulheres.

A partir de 2047 é estimado que a população pare de crescer e o grupo de pessoas idosas se torne maior do que o de crianças e jovens, sendo que as mulheres idosas constituirão o maior público (Perissé; Marli, 2019). A sociedade comemora esse alongamento da vida, contudo, há que se reforçar que essa conquista deve ser celebrada, sobretudo, quando a qualidade de vida caminhar conjuntamente (Barreto; Carreira; Marcon, 2015).

Ao se analisar as características das intervenções, percebeu-se que benefícios podem ser obtidos quando a equoterapia é praticada tanto individualmente (p. ex., Araújo et al., 2013) quanto em grupo (p. ex., Aranda-García et al., 2015). Estudos adicionais são necessários, no entanto, para identificar se a equoterapia é mais eficaz quando aplicada no formato individual ou grupal, para quais condições clínicas (lesão medular, Alzheimer, déficit de equilíbrio etc.) e perfis de pessoas idosas (sexagenários, octogenários, do sexo feminino, masculino etc.). Nesse sentido, é possível que pesquisas qualitativas e mistas – delineamentos não investigados nos estudos recuperados – e, sobretudo, ensaios clínicos randomizados contribuam para responder a estas questões.

Tendo em vista os objetivos desta revisão, a pesquisa quantitativa foi predominante entre os estudos analisados e os instrumentos padronizados e com evidências de validade os mais utilizados. Dois deles se destacaram, o TUG, presente em 40% das investigações, e o BBS, em 30% delas. O TUG foi desenvolvido por Podsiadlo e Richardson (1991) e é utilizado para avaliar o risco de queda em pessoas idosas. O teste inicia-se com o participante sentado em uma cadeira, onde é dado o comando para que ele se levante (sem apoiar nas laterais da cadeira), caminhe por três metros, vire 180º e retorne ao ponto de partida para que possa se sentar novamente. O tempo de execução é cronometrado e, em condições normais, uma pessoa idosa leva de 10 a 20 segundos para realizar o teste.

O BBS é um teste que foi desenvolvido por Berg et al. (1992) para avaliar a capacidade de um paciente se equilibrar com segurança durante uma série de tarefas diárias. A escala é composta por 14 itens com cinco alternativas de respostas cada. O escore total é obtido por meio da soma dos itens, sendo que pontuações menores que 45 indicam risco para quedas.

A partir do contexto apresentado, constata-se que, apesar de ainda serem poucas as pesquisas realizadas exclusivamente com pessoas com 60 anos ou mais, a equoterapia apresenta-se como um método promissor para o cuidado em saúde com praticantes na velhice. Além dos ganhos em saúde física, profissionais de equoterapia brasileiros percebem benefícios psicológicos nas pessoas idosas que praticam esse método, como melhora na qualidade de vida, autonomia, autoestima e socialização (Matarazo; Freitas, 2022). É possível, pois, que a equoterapia desempenhe papel importante não só como tratamento, mas também como meio de promoção de saúde e prevenção de agravos na velhice. Contudo, para sustentar essas afirmações, são necessárias mais investigações.

A despeito das contribuições desta revisão, suas limitações precisam ser consideradas. Citam-se como exemplos a utilização de apenas três bases de dados e do Portal de Periódicos CAPES para a busca dos artigos, a limitação das publicações às línguas inglesa ou portuguesa, e as palavras-chave utilizadas. Com relação ao primeiro aspecto, há que se destacar que, exceto pela PubMed, os demais escolhidos, apesar de abranger outros países, têm uma forte presença e foco na América Latina e Caribe. No que se refere ao último aspecto, como são várias as nomenclaturas que remetem à equoterapia, é possível que alguns estudos não tenham sido recuperados pela limitação nos descritores e idiomas.

As investigações analisadas também limitam, em algum grau, a generalização dos resultados, pois foram recuperados poucos estudos conduzidos exclusivamente com pessoas idosas. Ademais a maioria foi composta por amostras do sexo feminino e algumas variáveis, como qualidade de vida, flexibilidade, marcha e força muscular de membros inferiores, foram avaliadas em apenas uma ou duas pesquisas. A isso soma-se o fato de que embora os estudos relatem resultados estatisticamente significativos, não foi identificado o reporte de medidas de tamanho de efeito, como o índice d de Cohen, o que limita a interpretação da relevância prática dos achados.

Espera-se, no entanto, que este estudo estimule outros pesquisadores a desenvolverem e avaliarem programas de equoterapia com pessoas idosas, considerando os diferentes gêneros, faixas etárias e patologias. Ademais, sugere-se que as investigações futuras utilizem delineamentos qualitativos e mistos e realizem avaliações de seguimento.

Referências

AGNER, Vania Fernanda Clemente; GONSALEZ, Agna Pereira. Benefícios da equoterapia em idosos: revisão de literatura. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 5, n. 3, 18 dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2238-2704rpf.v5i3.702>.

ARANDA-GARCÍA, Silvia et al. Comparative effects of horse exercise versus traditional exercise programs on gait, muscle strength, and body balance in healthy older adults. **Journal of Aging and Physical Activity**, v. 23, n. 1, p. 78-89, jan. 2015a. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/japa.2012-0326>.

ARAUJO, Thais Borges et al. An exploration of equine-assisted therapy to improve balance, functional capacity, and cognition in older adults with Alzheimer disease. **Journal of Geriatric Physical Therapy**, v. 42, n. 3, p. E155—E160, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1519/jpt.000000000000167>.

ARAUJO, Thais Borges et al. Effect of equine-assisted therapy on the postural balance of the elderly. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 15, n. 5, p. 414-419, out. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-35552011005000027>.

ARAÚJO, Thaís Borges de et al. Effects of hippotherapy on mobility, strength and balance in elderly. **Archives of Gerontology and Geriatrics**, v. 56, n. 3, p. 478-481, maio 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.archger.2012.12.007>.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA (ANDE BRASIL). **Apostila Curso Básico Equoterapia**, 2020. Disponível em: http://equoterapia.org.br/articles/index/articles_list/138/81/0. Acesso em: 10 set. 2020.

BARRETO, Mayckel da Silva; CARREIRA, Lígia; MARCON, Sonia Silva Envelhecimento populacional e doenças crônicas: Reflexões sobre os desafios para o Sistema de Saúde Pública. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 325–339, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18i1p325-339>.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA – USP. Bases de dados. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/biblioteca/bases-de-dados/>. Acesso em: 11 maio 2025.

UNICAMP. Bases em saúde (SBE) | Biblioteca. Disponível em: <https://www.fcm.unicamp.br/biblioteca/bases-em-saude-sbe>. Acesso em: 11 maio 2025.

BECKHAUSER, Alex Sandro. Espanhol como língua da ciência: um estudo com base na Rede Scielo. **Fórum Linguístico**, v. 19, n. 1, p. 7631-7648, 19 maio 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e76328>.

BEINOTTI, Fernanda et al. Use of hippotherapy in gait training for hemiparetic post-stroke. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 68, n. 6, p. 908-913, dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0004-282x2010000600015>.

BERG, Katherine et al. Measuring balance in the elderly: validation of an instrument. **Canadian journal of public health. Revue canadienne de sante publique**, v. 83 Suppl 2, p. S7-11, 1992. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/21687774_Measuring_balance_in_the_elderly_Validation_of_an_instrument. Acesso em 3 jun. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019**. Lei nº 13.830, de 13 de Maio de 2019. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:lei:2019-05-13;13830>. Acesso em: 13 ago. 2023

CHO, Sung-Hyoun. Effects of horseback riding exercise on the relative alpha power spectrum in the elderly. **Archives of Gerontology and Geriatrics**, v. 70, p. 141-147, maio 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.archger.2017.01.011>.

CLOSS, Vera Elisabeth; SCHWANKE, Carla Helena Augustin. A evolução do índice de envelhecimento no Brasil, nas suas regiões e unidades federativas no período de 1970 a 2010. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 15, n. 3, p. 443–458, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232012000300006>

COSTA-JÚNIOR, Florêncio Mariano da; COUTO, Márcia Thereza; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Gênero e cuidados em saúde: concepções de profissionais que atuam no contexto ambulatorial e hospitalar.

Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), n. 23, p. 97-117, ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.23.04.a>.

DINIZ, Luanna Honorato et al. Impact of hippotherapy for balance improvement and flexibility in elderly people. **Journal of Bodywork and Movement Therapies**, v. 24, n. 2, p. 92-97, abr. 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbmt.2019.10.002>.

EDGAR PITZER NETO, Victor; COPETTI, Fernando; JOSÉ ROMBALDI, Ailton. Os benefícios físicos da equoterapia para população idosa. **Revista ft**, v. 28, n. 137, p. 27-28, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.69849/revistaft/th10249181627>.

FERREIRA, Ana Paula Silva; GOMES, Janzila Bezerra. Levantamento histórico da terapia assistida por animais. **Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico**, 2018. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/pkcroraima/article/viewArticle/4616>. Acesso em: 20 jan. 2020.

GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 23, n. 1, p. 183-184, mar. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/s1679-49742014000100018>.

HENRIQUE, Daniela Loureiro; CAPITANI, Pietra Bento de . Exercícios físicos como incremento na qualidade de vida de cães idosos. **Ciência Animal**, [S. l.], v. 31, n. 3, p. 144–154, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/cienciaanimal/article/view/9330>. Acesso em 21 jul. 2023.

HOMNICK, Douglas Nathan et al. Effect of therapeutic horseback riding on balance in community-dwelling older adults with balance deficits. **The Journal of Alternative and Complementary Medicine**, v. 19, n. 7, p. 622-626, jul. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/acm.2012.0642>.

HOMNICK, Tamara D. et al. The effect of therapeutic horseback riding on balance in community-dwelling older adults. **Journal of Applied Gerontology**, v. 34, n. 1, p. 118-126, 28 nov. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0733464812467398>. Acesso em: 16 maio 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e indicadores sociais. Estudos e Pesquisas. **Informação Demográfica e Socioeconômica**. nº 35. Síntese de Indicadores Sociais. Rio de Janeiro. IBGE 2015; Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>. Acesso em 06 out. 2019.

MATARAZO, Jackeline Barbosa; FREITAS, Eduarda Rezende. Perception of hippotherapy professionals about their practice with the elderly. **Fisioterapia em Movimento**, v. 35, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/fm.2022.35147>.

MELLO, Edneia Corrêa de et al. Electromyographic analysis of stomatognathic muscles in elderly after hippotherapy. **PLOS ONE**, v. 15, n. 8, p. e0238036, 27 ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0238036>.

MOHER, David et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **PLoS Medicine**, v. 6, n. 7, p. e1000097, 21 jul. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>.

MREJEN, Matías; NUNES, Letícia; GIACOMIN, Karla. Envelhecimento Populacional e saúde dos idosos: O Brasil está preparado? **Instituto de Estudos para Política de Saúde**, São Paulo, n. 10, 2023. Disponível em: <https://ieps.org.br/estudo-institucional-10/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

OUZZANI, Mourad et al. Rayyan—a web and mobile app for systematic reviews. **Systematic Reviews**, v. 5, n. 1, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13643-016-0384-4>.

PEREIRA, Ester Liberato; BATAGLION, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. Equoterapia, saúde e esporte: figurações da prática no Rio Grande do Sul, 1970-2000. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 27, n. 3, p. 879-897, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-59702020000400010>.

PERISSE, Camile; MARLI, Mônica. Caminhos para uma melhor idade. In: **Retratos: a revista do IBGE**. Longevidade: viver bem e cada vez mais. Rio de Janeiro: IBGE, n. 16, fev. 2019. p. 18–25. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/d4581e6bc87ad8768073f974c0a1102b.pdf. Acesso em: 4 jan. 2024.

PODSIADLO, Diane; RICHARDSON, Sandra. The timed “up & go”: a test of basic functional mobility for frail elderly persons. **Journal of the American Geriatrics Society**, v. 39, n. 2, p. 142-148, fev. 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1532-5415.1991.tb01616.x>.

CAPES. Quem somos. Portal de Periódicos CAPES. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html>. Acesso em: 11 maio 2025.

SANTOS, Ana Carolina dos; SANTOS, Ana Bela dos. Os desafios da regulamentação da terapia assistida por animais no contexto brasileiro. **Revista ft**, v. 29, n. 140, p. 01-02, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.69849/revistaft/th10241112000>.

SILVA, Carine Nascimento da et al. Centro de Equoterapia da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas em parceria com a Universidade de Cruz Alta: projetos de equoterapia e cinoterapia. **Cataventos**, Cruz Alta, v. 10, n. 1, p. 178-189, 2018. Disponível em: <https://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/cataventos/issue/view/36>. Acesso em: 7 out. 2019.

SILVEIRA, Ana Carolina Portella et al. A equoterapia: o que é, como é realizada e seus benefícios. **Boletim Técnico IFTM**, p. 43–48, 2021. Disponível em: <https://periodicos.iftm.edu.br/index.php/boletimiftm/article/view/1205>. Acesso em: 11 maio 2025.

TOIGO, Tiago; LEAL JÚNIOR, Ernesto César Pinto; ÁVILA, Simone Nunes. O uso da equoterapia como recurso terapêutico para melhora do equilíbrio estático em indivíduos da terceira idade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 11, n. 3, p. 391-403, dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2008.11038>.

VERAS, Renato Peixoto; OLIVEIRA, Martha. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, p. 1929-1936, jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04722018>.

WOOD, Wendy H.; FIELDS, Beth E. Hippotherapy: a systematic mapping review of peer-reviewed research, 1980 to 2018. **Disability and Rehabilitation**, London; Washington, v. 43, n. 10, p. 1463–1487, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09638288.2019.1653997>.

ZAMO, Renata de Souza; TRENTINI, Clarissa Marcell. Revisão sistemática sobre avaliação psicológica nas pesquisas em equoterapia. **Psicologia: teoria e prática**, v. 18, n. 3, p. 81-97, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v18n3p81-97>.

Submissão: 28/04/2024

Aceite: 28/07/2025

Como citar o artigo:

MATARAZO, Jackeline Barbosa et al. Efeitos da equoterapia com pessoas idosas: uma revisão sistemática da literatura. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 30, e134188, 2025. DOI: 10.22456/2316-2171.134188